

CEDI

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte

*O Estado de São Paulo*

Class.:

*Ant. Desmata*

Data

*19.01.79*

Pg.:

*21*

## Em defesa da Amazônia

Sr. Redator

Isto já é demais: no dia 16/1 um dos seus leitores, Paulo Bergamaschi, já apareceu com o conselho de arrasar toda a mata amazônica "para dar de comer aos nossos 20 milhões de crianças" e "a onda crescente dos "bóias-frias". Este acha que não é preciso estudar primeiro a questão a fundo para se pronunciar, pois é poeta: canta "a pléiade de heróis que rasga suas vestes, desnudando o seio virgem, para que vinte milhões de nossas crianças possam mamar nas tetas fartas. A selva amazônica, essa bigorna coesa, terá que ceder sob a percussão do machado, ao impulso de nossas esperanças e as necessidades de uma nação se formando". Muito mais numerosas têm sido as cartas de leitores querendo transformar a Amazônia em vasto jardim botânico e zoológico para admiração perene da rica flora e fauna, garantindo que, caso contrário, estarão ambas condenadas à extinção e o mundo todo à asfixia, pois a Amazônia é o "pulmão do mundo". Também estes leitores escrevem sem primeiro estudar o assunto ou consultar especialistas, pois se acham empolgados por fanatismo e não menos sincero patriotismo.

Por ocasião do 1º Simpósio Sobre a Biota Amazônica, há quase 12 anos, apresentei trabalho (pg. 431 e segs. do 1º vol. dos Anais Geociências) alertando sobre prejuízos, enormes e irreparáveis, que possam ser infligidos ao solo da Amazônia se não for obedecido plano de trabalho que seria essencialmente: 1) Completar o mapa geológico de toda a Amazônia, o qual apresentava então maiores áreas em branco que as coloridas, muitas destas apenas tentativamente; e para completar o mapa geológico-petrográfico era necessário fotografar primeiro toda a Amazônia do ar; 2) Entram em cena agrônomos e engenheiros agrícolas a fim de percorrer as raras formações geológicas que podem ter formado solos ricos; milhares de amostras de solos e rochas deveriam ser analisadas a fim de delimitar as raras áreas destes tipos ricos, pois com todo o otimismo não podem alcançar nem 10% da mata amazônica. 3) Estas áreas seriam as únicas em que a mata seria arrasada, mas sem queimadas, por maior que fosse o trabalho, pois a matéria orgânica, a umidade e o calor são os únicos tesouros reais do solo amazônico. Nos restantes 90 e tantos por cento deveria ser proibido mexer, salvo para retirada de mogno e outras madeiras valiosas, porém, replantando os pontos com as mesmas essências ou com seringueiras e castanheiras, e sempre usando calcário e fosforita em covas profundas, nas quais o solo deveria ser misturado com abundante matéria orgânica da superfície.

O cultivo nas raras áreas melhores seria feito somente quando fosse possível usar ao menos fosforita e calcário, pois o perigo de lixiviação do solo é

grande mesmo quando rico (é mais exato dizer "menos pobre", pois a Amazônia é a maior pobreza de solos do mundo, batendo todos os recordes mundiais de teores baixos de fósforo, cálcio, magnésio, potássio, boro, zinco, cobre e molibdênio). Só assim seria bem aproveitado o inestimável tesouro representado pela umidade somada ao calor, binômio, este sim, recordista mundial no sentido positivo para a agricultura (e bubalinos nas baixadas). O lema deveria ser não pôr a mão na mata sem poder levar corretivos e adubos para melhorar com o uso os 10% de solos menos pobres. É trabalho enorme e muito demorado, mais inevitável, dadas as proporções gigantes e a importância da obra, sem esquecer a nossa responsabilidade diante dos nossos descendentes.

Os ministros Albuquerque Cavalcanti e Mário Andreazza estavam errados preconizando eliminação rápida a ferro e fogo da mata para depois, havendo estradas, levar corretivos e adubos para recuperar as terras transformadas em campos estéréis de barba-de-bode: não avaliavam a gravidade do problema supondo possível conseguir solo agrícola, pois os israelenses sabem fazer isto até com areias e pedras de deserto. Mas clima superúmido equatorial, ao invés de trabalhar a nosso favor, produzindo 3 colheitas por ano no mesmo hectare, passa a trabalhar contra nós lixiviando os solos até reduzi-los à pobreza nunca vista. A questão não é apenas comprar adubos e transportá-los a diversos milhares de quilômetros. Sem matéria orgânica os elementos químicos são ou lixiviados totalmente ou insolubilizados até formação de minerais estéréis, como acontece com o fósforo. O teor de matéria orgânica continua baixando em todo o território paulista, apesar da abolição das queimadas. Como levar 20 t de esterco para cada hectare amazônico devastado a ferro e fogo, quando isto é impossível obter aqui sem ter gado estabulado? Os israelenses são heróis conseguindo água no deserto, mas não haverá heroísmo nem patriotismo capaz de conseguir matéria orgânica na Amazônia devastada a ferro e fogo.

José Setzer (pedólogo) — Capital

Sr. Redator

O texto do sr. Paulo Bergamaschi, (16/1) com o título "Poema em louvor do machado", poderia até transformar-se em panegírico, não fosse o fraco sabor artístico da peça.

A visão unilateral de qualquer problema, como sói acontecer com os modernos tecnocratas (estaria o sr. Bergamaschi incluído entre eles?), tem sempre um direcionamento catalizador: justificar o "desenvolvimento" e o "progresso", através de atos insensatos, desprovidos de qualquer base de sustentabilidade e apoio científico. No caso específico da Amazônia, que o panegirista, aliado

ao deputado Cardoso Alves, aconselha ser "ocupada" para produzir alimentos, e outros quietais, em que pesem os argumentos nitidamente antropocêntricos do homem moderno, devemos afirmar que a Ecologia, como ciência ambiental, não se preocupa exclusivamente com o meio ambiente divorçado dos seres, particularmente do homem. Não poderia NUNCA a Ecologia afirmar-se como ciência se alijasse a principal das criaturas de nosso planeta!

Na realidade, o que está a ocorrer é que os ecólogos, como os botânicos, os biólogos, os geógrafos, e mesmo os sociólogos, neste país, infelizmente, estão sendo mais aproveitados (quase que exclusivamente) no setor pedagógico, pouco se importando a administração pública com o seu real e imprescindível engajamento em funções que lhes são próprias isto é, no trato dos problemas altamente prioritários que a afligir estão todo o contexto de nossa Pátria.

Ecólogos como o dr. Lutzenberger (que também é eng. agrônomo) há muito já profligaram substancial modificação com referência à conceitualização que atualmente a agronomia dá à terra; e instado a responder, no I Congresso de Engenheiros Agrônomos do Estado de S. Paulo, à basilar pergunta se a agricultura orgânica produziria o mesmo que hoje produz a agricultura dita agroquímica, não se fez de rogado, alertando que a extração de alimentos, por área, seria até superior, em métodos denominados orgânicos, ou biodinâmicos!

Portanto, a premissa de que precisamos devastar a Amazônia poderá ser absolutamente falsa, e altamente comprometedor com relação aos danos já apontados por cientistas mais preocupados com o ecossistema amazônico. De outra feita, a organização do espaço mesmo em outras regiões do Sul e Centro-Sul estão a exigir uma política mais consentânea com o momento, através de instrumentos apropriados como reforma agrária, política creditícia, silegem, transporte ferroviário, etc. Por que, pois, agredir, se temos muito — mas muito mesmo — que reestudar, reformular, no campo das idéias de produção é abastecimento?

Não deixa, o tema, de ser evidentemente polémico, e suntuoso. Por esta e outras razões a CDFC, através de suas filialdas, e mais cientistas, professores, estudantes, empresários, líderes sindicais, religiosos, povo — estarão reunidos no próximo dia 24, às 20 h. no TUCA (Pontifícia Universidade Católica, rua Monte Alegre) para a noite de debates em torno do magno assunto.

O sr. Bergamaschi, os leitores participem. Pela sobrevivência.

Waldemar Paioli — Secretário geral da Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade — Capital